

DISCIPLINAR, INTER-TRANS-MULTI-PÓS-DISCIPLINAR

Por onde quer que se lance o olhar, tudo agora parece escapar das pinças que a formação e o conhecimento disciplinar haviam preparado. A realidade vaza em heterogeneidades, exceções e ruídos que já não se deixam mais reduzir a perspectivas que, de antemão, repartem a realidade em domínios ontológicos e epistemológicos supostamente prontos e estáveis: aqui a natureza, ali a sociedade; aqui a ciência, ali a religião; aqui a economia, ali o ambiente; aqui o fato, ali a ficção; aqui o literário, ali o analítico; aqui o humano, ali o não humano; aqui o local, ali o global; aqui o Brasil, ali o mundo. Mas e quando, como agora, essas fronteiras rapidamente se esfumam por conta de uma realidade (isto é, muitas realidades) que o mundo (isto é, muitos mundos) apresenta mais e mais como exigência? O que agora ensinar? Como agora aprender? Como, mesmo, pesquisar? Na mesma escala em que esses desafios põem medo, também plantam suas esperanças. A universidade será capaz de facear esses incômodos imbróglis? Senão perguntar: a universidade será capaz de se converter em, digamos, *multiversidade*?

Que não se espere, claro, resposta única a diferentes confusões (*co-fusões*). A cada embaraçamento, aí mesmo uma experiência original de abordagem híbrida. Mas, se há um princípio minimalista que atravessa toda e qualquer experiência que de fato enfrente, a cada vez, seus emaranhamentos, este princípio diz respeito à coragem de se abandonar o conforto disciplinar como condição para descrições mais realistas do real. Ou de um real que mais e mais se mostra complexo, exigindo portanto abordagens também complexas. Tais abordagens bem poderiam responder pelos nomes de interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. Ou pós-disciplinar – com isso apontando para o desafio não bem de abrir mão dos ganhos e acúmulos do conhecimento talhado nas perspectivas disciplinares, mas sim de fazer com que essas perspectivas se desestabilizem produtivamente e consigam se deslocar, se traduzir, se transformar. Consigam se atravessar umas nas outras. Para uma pós-disciplinaridade, um outro disciplinamento. Ou uma outra disposição: a que encare as travessias em terrenos movediços. Melhor cambalear do que arriscar correr velozmente sem sair do lugar.

O Instituto de Estudos Brasileiros, de sua parte, já mira esse horizonte. São professores, alunos e pesquisadores que, neste momento, reorganizam seus núcleos de estudo com vistas a expô-los à provação inter-trans-multi-pós-disciplinar no ambiente propício e auspicioso do recém-inaugurado Laboratório Interdisciplinar do

IEB (Labié). Aos poucos vai emergindo a percepção de que a aposta do Instituto de Estudos Brasileiros visa menos aos estudos *do* Brasil, e muito mais aos estudos *no* Brasil. Isto é, produção de pesquisadores aqui radicados, aqui falantes do português abrasileirado, aqui pensantes. A isso se pode bem reconhecer o epíteto de *conhecimento situado* (mas haverá algum que não o seja?). Sim, situado, mas não sitiado. Aposta, enfim, de que reconhecer seus enraizamentos aparece como condição para a sua proliferação original mundo afora. Ou como nas palavras de Tolstói: “Se queres ser *universal*, começa por pintar a tua *aldeia*”.

A *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, acolhendo artigos das diversas áreas de conhecimento nas humanidades, ao longo de seus mais de 50 anos de existência, torna-se um sismógrafo desses movimentos reflexivos na investigação científica universitária. Em suas páginas flagram-se múltiplas vertentes do pensamento crítico, seus avanços e suas vicissitudes na apreensão da realidade *no Brasil*, na complexa trama globalizada.

O presente número da *RIEB* tem a satisfação de apresentar a primeira parte do dossiê temático “Dinâmicas de urbanização e representações espaciais: abordagem geo-histórica dos territórios com Sistemas de Informação Geográfica (SIG)”, congregando pesquisadores brasileiros e franceses, em diálogo no Programa USP/Cofecub da Pró-Reitoria de Pesquisa – Universidade de São Paulo. Estudos de fôlego interpretativo, valiosas representações cartográficas e rica iconografia logram dar “visibilidade aos processos de urbanização e transformação das dinâmicas espaciais”, em perspectiva contrastiva, como explicitam, na apresentação do conjunto, os professores Íris Kantor, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Fernanda Padovesi Fonseca, Eliane Kuvásney e Jaime Tadeu Oliva.

Em igual diapasão crítico, os demais artigos que integram este número da *RIEB* atualizam os fecundos olhares multifocais da educação, antropologia, história, música, linguística, literatura, economia e política. Os escritos enfrentam questões atuais, ou historicamente candentes, no processo de formação brasileira e se abrem para novas visadas hermenêuticas. “*Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula*”, assinado pelas professoras Ana Claudia Florindo Fernandes, Raquel Martins e Rosângela Paulino de Oliveira, mostra, a partir de bem-sucedidas experiências pedagógicas, as potencialidade formadoras, críticas e identitárias que emanam da expressão musical nascida em espaços marginalizados. “Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro”, do professor Cláudio Márcio do Carmo, mergulha no “universo linguístico-discursivo que envolve a palavra *tolerância*”, desvelando a sombra do “discurso do ódio” comportamental no contexto brasileiro. “Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do *Homo ludens*”, dos professores Francisco Mata Machado Tavares e Ellen Ribeiro Veloso, propõe uma “interpretação alternativa para a relação entre o lúdico e o político” no nosso país ao se deter sobre a greve dos garis no carnaval carioca em 2014, mencionando, ainda, as manifestações populares que tomaram as ruas em 2013. “‘Festa acabada, músicos a pé!’: um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro”, artigo da professora Luciana Requião, a contrapelo de positivas avaliações oficiais,

lança luz sobre a dura realidade vivenciada por profissionais ligados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro. “Estado e empresariado nacionais na condução da política externa brasileira para a África no governo Lula”, do analista de relações internacionais do IBGE Gustavo Miranda Puerari, focaliza “três casos de empresas brasileiras que realizaram investimentos” no continente africano, evidenciando as relações entre o político e o econômico.

Nos vínculos da antropologia com a literatura, o artigo “Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas”, da doutoranda em sociologia Bruna Della Torre de Carvalho Lima, explorou “os sentidos e ambiguidades que o primitivismo assumiu” no pensamento estético e na obra literária do modernista Oswald de Andrade. As técnicas ficcionais do escritor romântico José de Alencar, valendo-se dos recursos discursivos e narrativos da epistolografia, são tema de “Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana”, texto da mestre em Literatura Brasileira Patrícia Regina Cavaleiro Pereira.

Na seção Resenhas, a literatura e as cartas ganham novamente espaço. O professor Luís Antônio Contatori Romano assina a substancial leitura crítica do livro *Diário de bordo*, com a coleção de crônicas de viagem de Cecília Meireles, difundidas em jornal, em 1934, ao lado dos desenhos de seu primeiro marido, Fernando Correia Dias. O doutorando em Literatura Brasileira Fernando Munhós instituiu produtivo diálogo com a obra da filóloga Vanessa Martins do Monte, *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*, uma importante contribuição aos estudos epistolográficos.

Constituindo vínculos estreitos com o Dossiê, a seção Documentação divulga importante matéria iconográfica do Fundo Pessoal do geógrafo francês Pierre Monbeig, no IEB-USP, apresentada pelos pesquisadores Eduardo Dutenkefer, Fernanda Padovesi Fonseca e Jaime Tadeu Oliva. Monbeig, professor da Universidade de São Paulo entre 1935 e 1946, revelou em seus mapas um “sofisticado” traço “do ponto de vista de linguagem”.

A Comissão Editorial agradece a todos que contribuíram para a produção deste alentado número; ao excelente quadro técnico, administrativo e de estagiários da Divisão Científico-Cultural do IEB; aos professores Eliane Kuvasney e Jaime Tadeu Oliva; ao Serviço de Arquivo do IEB, destacando a valiosa contribuição de Elisabete Marin Ribas e de Paulo José Moura, no trabalho de pesquisa e seleção de imagens que ilustram este volume.

Marcos Antonio de Moraes, Stelio Marras, Ana Paula Cavalcanti Simioni
*Editores*¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p14-16>

1 Docentes e pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros – USP.